

# CENTENÁRIO DA GRIPE PNEUMÓNICA

## A PANDEMIA EM RETROSPETIVA. PORTUGAL 1918/1919

### Ciclo de Conferências

1ª SESSÃO – 13 DE FEVEREIRO DE 2019 – 16H  
GRANDE GUERRA, CUIDADOS DE SAÚDE E PNEUMÓNICA

Moderador: Fernando Rosas (IHC – NOVA FCSH)

**Ismael Vieira**

CITCEM – Universidade do Porto; CEIS20 – Universidade de Coimbra

***Portugal Sanitário Revisitado: aspetos do estado sanitário em Portugal no primeiro quartel do século XX***

O primeiro quartel do século XX não trouxe mudanças significativas nas condições de saúde dos portugueses, em relação ao período finissecular anterior. Ocorreram diversas epidemias, a maior parte das vezes circunscritas a determinadas geografias, excetuando-se a gripe pneumónica que atingiu todo o país, ao que se somavam endemias como a tuberculose que fustigavam uma população maioritariamente analfabeta (74,5% em 1900 e 61,8% em 1930), que se alimentava mal e que vivia pior. As reformas sanitárias levadas a cabo desde 1901 não alteraram significativamente as condições de saúde dos portugueses, sendo dominadas pelas taxas obituárias, falta de apoio dos poderes para debelar determinadas doenças e conhecimentos médicos ainda em estruturação. A entrada de Portugal na I Guerra Mundial e os condicionalismos socioeconómicos desse período não fizeram mais do que agravar a situação sanitária. Esta comunicação pretende, pois, identificar aspetos do estado sanitário em Portugal nos inícios do século XX e perceber as fragilidades da população face a determinadas doenças tanto de carácter epidémico como endémico.

Ismael Vieira é investigador integrado no Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» (CITCEM) da Universidade do Porto (UP), colaborador do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX

(CEIS20) da Universidade de Coimbra (UC) e bolseiro da Sociedade Portuguesa de Endocrinologia, Diabetes e Metabolismo. É Licenciado e Doutor em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Mestre em Ciências da Educação pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Dedicou-se ao estudo da História dos períodos moderno e contemporâneo, sendo as principais áreas de interesse a história da medicina, história das instituições médicas e história social das doenças e da saúde.

### **Rui M. Pereira**

Instituto de História Contemporânea – NOVA FCSH

#### ***Ricardo Jorge, o mal-amado. A organização dos Serviços de Saúde Militar nas vésperas da participação portuguesa na Grande Guerra***

Em junho de 1916, Ricardo Jorge foi convidado pelo Ministro da Guerra, o General Norton de Matos, a proferir uma palestra em Tancos, no polígono militar onde se preparavam os primeiros corpos expedicionários para a Flandres e para África. Uma parte substancial da palestra foi dedicada à demonstração do princípio de que a doença matava mais no campo de batalha do que as armas. E estariam os serviços de saúde militar perante os quais Ricardo Jorge discursava preparados para a missão que teriam de cumprir nas frentes europeia e africana? Na avaliação de Ricardo Jorge de modo algum e essa apreciação foi muito mal recebida pelos seus pares militares. Todas as suas propostas de reorganização dos serviços de saúde militar foram rejeitadas. Não o estando para o contexto da guerra, ainda menos o estariam para enfrentar a eclosão da primeira pandemia global, muito potenciada pela circulação intercontinental dos contingentes, a Pneumónica.

Rui M. Pereira é investigador integrado do Instituto de História Contemporânea (IHC), doutorado em Antropologia Social e Cultural pela Universidade Nova de Lisboa (UNL) e professor auxiliar na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH). Nas suas áreas de especialização — colonialismo, políticas coloniais, museologia e património — tem publicado diversos artigos e comunicado inúmeras vezes em congressos, seminários e colóquios em Portugal e no exterior. Nos últimos anos tem também investigado e comunicado sobre os serviços de saúde na Guerra de 1914-1918, especialmente no Norte de Moçambique. Ocupou diversos lugares de direção na Administração Pública, nomeadamente Diretor Municipal de Cultura na Câmara Municipal de Lisboa, Diretor Municipal de Recursos Humanos também na CML, Diretor-Geral do Instituto Português do Livro e das Bibliotecas e Presidente do Instituto de Gestão Financeira e Equipamentos de Justiça (Ministério da Justiça).

## Manuel Cardoso

### ***A Pneumónica em Macedo de Cavaleiros: o fundo de verdade nas páginas do romance Um Tiro na Bruma***

A época complexa em que surge a pneumónica, em 1918, tanto no panorama nacional e internacional, era apenas perceptível para alguns dos da multidão que então vivia na província portuguesa – como então se designava o interior do país. Com uma grande morbilidade logo notada desde o seu início e com uma mortalidade de amplidão sem precedentes nos tempos recentes, gerou um trauma que se veio a acrescentar a mais traumas com que a sociedade de então se debatia. Ultrapassada, dir-se-ia que a memória colectiva tentou apagá-la, inconscientemente ou não, por isso mesmo e, daí, as dificuldades de a investigar, o fugir da questão com que muito nos deparámos nas tentativas de conversa com os ainda contemporâneos ou portadores da história. Neste romance há uma tentativa duma perspectiva em flashback para esse tempo. Tenta-se uma reconstrução da realidade de então nas páginas de *Um Tiro na Bruma*. Preferem-se os casos concretos, retirados dos livros de óbitos e dos relatos de então. Mistura-se esta peste com a guerra, a fome e a morte – cavaleiros do apocalipse iminente que os personagens do livro pensavam estar prestes a surgir na sua pacata vila.

Manuel Cardoso, médico-veterinário e Pós-Graduado em Gestão e Conservação da Natureza e Ciências Agrárias, foi docente no IPBragança, Presidente da Paisagem Protegida da Albufeira do Azibo e Diretor Regional de Agricultura e Pescas do Norte, de 2011 até 2018. Os seus *hobbies* são a história e a escrita. Publicou *Glossário de Equídeos e Quartzos - Vidas de um Veterinário* (Coimbra: Quarteto, 1999), *Um Tiro na Bruma* (São João do Estoril: Sopa de Letras, 2007), *O Segredo da Fonte Queimada* (Paredes: Sopa de Letras, 2009) e *Macedo Rua a Rua* (Município de Macedo de Cavaleiros). Tem colaboração, entre outras, em *Magazine-Grande Informação*, *Tellus*, *Brigantia* e *Cadernos Terras Quentes*.

2ª SESSÃO – 15 DE MAIO DE 2019 – 16H

## PNEUMÓNICA E MEMÓRIA

**Moderadora: Fátima Nunes (Instituto de História Contemporânea – Universidade de Évora)**

### **Alexandra Esteves**

Universidade Católica Portuguesa, UMinho-Lab2PT

#### ***A Pneumónica na imprensa do distrito de Viana do Castelo***

Nos últimos anos, a pneumónica, a par de outras doenças, como a tuberculose, a varíola, a sífilis, entre outras, tem sido objeto de estudo em diversas áreas e tem merecido um interesse crescente no âmbito da investigação histórica, em particular da história da saúde, tendo como resultado a produção de vários trabalhos. Para o estudo das enfermidades, nomeadamente das que assumiram contornos mais graves e epidémicos, como foi o caso da pneumónica, existe grande diversidade de fontes, incluindo a imprensa. Assim, a partir das notícias publicadas em vários jornais do distrito de Viana do Castelo, pretendemos perceber de que modo a pneumónica era percebida pelas populações e como era encarada a sua evolução; que problemas se colocavam e que respostas eram dadas; que avaliação se fazia dos resultados obtidos. Propomo-nos, ainda, verificar de que forma a imprensa ajudou a criar uma memória da pneumónica no Alto Minho, recorrendo, para o efeito, ao cruzamento das fontes jornalísticas com outras, nomeadamente com relatórios e documentação dos fundos camarários, das administrações dos concelhos e do Governo Civil de Viana do Castelo.

Alexandra Esteves é doutorada em História Contemporânea pela Universidade do Minho, com agregação na mesma área. Atualmente, é professora auxiliar com agregação na Universidade Católica Portuguesa (UCP) e é investigadora integrada do Laboratório de Paisagens, Património e Território (Lab2PT) da Universidade do Minho e investigadora colaboradora do Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos (CEFH) da UCP. A sua atividade investigativa abrange as áreas da História Social e da História da Assistência, em particular as questões relacionadas com a saúde, a doença, a marginalidade, a violência e as prisões, bem como o turismo, o lazer e as sociabilidades. É autora, coautora e coordenadora de diversas obras e de capítulos de livros, bem como de dezenas de artigos científicos.

**José Manuel Sobral**

ICS – Universidade de Lisboa

***Catástrofe e silêncio: a epidemia da Pneumónica em Portugal no seu tempo e no espaço da recordação***

Nesta comunicação começamos por oferecer uma síntese de conjunto do surto de gripe em Portugal em 1918-19, numa perspetiva comparada com o que ocorreu a nível mais global. Aborda-se o impacto demográfico e social da epidemia, a sua incidência em diversas regiões e analisa-se o papel do Estado, das estruturas de saúde e de assistência e da sociedade civil no combate à gripe, tendo em conta tanto questões de natureza estrutural, como as da conjuntura específica em que ela deflagra. Finalmente, exploramos as razões que terão levado a um tão grande esquecimento da recordação da Pneumónica em contraste com a memorização da outra grande catástrofe contemporânea, a Grande Guerra.

José Manuel Sobral, licenciado em História e Doutor em Antropologia, é investigador principal do Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Lisboa (UL). Entre os tópicos que investiga, destacam-se o clientelismo político, a sociedade rural portuguesa, a família e reprodução social, a memória social, a alimentação, o nacionalismo e a identidade nacional. Editou os livros *Food between the Country and the City* (Bloomsbury, 2014), *A Pandemia Esquecida. Olhares Comparados sobre a Pneumónica 1918–1919* (ICS, 2009) e foi autor de *Portugal, Portugueses: Uma Identidade Nacional* (FFMS, 2012).

**Maria Luísa Lima**

ISCTE-IUL

***A domesticação da ameaça? Estratégias de gestão do risco na Pneumónica***

Esta comunicação analisa as formas através das quais indivíduos e instituições lidaram com o risco da gripe pneumónica – e lidam com o risco de gripe nos nossos dias. Baseando-nos na investigação originária da área da perceção de riscos, procuramos identificar pistas para a compreensão do fenómeno de banalização da ameaça e de restrição da memória destes fenómenos ao espaço privado.

Maria Luísa Lima, licenciada em Psicologia e doutorada em Psicologia Social e das Organizações, é professora catedrática do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE) do Instituto Universitário de Lisboa (IUL) e Honorary Professor na Universidade de Bath. A sua investigação incide sobre a

aplicação da Psicologia Social a questões da saúde e do ambiente, e encontra-se reflectida em numerosas publicações científicas. Co-editou o livro *A Pandemia Esquecida. Olhares Comparados sobre a Pneumónica 1918–1919* (ICS, 2009) e foi autora de *Nós e os outros: O poder dos laços sociais* (FFMS, 2018).

3ª SESSÃO – 25 DE SETEMBRO DE 2019 – 16H

## IMPACTOS DA PNEUMÓNICA

**Moderadora: Edite Soares Correia (subinspetora-geral das Atividades em Saúde)**

**Ana Maria Diamantino Correia**  
CHSC-FLUC

### ***A epidemia de gripe pneumónica (1918-1919) na região de Coimbra***

Num tempo particularmente difícil, de profunda instabilidade e escassez generalizada, as autoridades foram, nos últimos meses de 1918, compelidas a um esforço acrescido, respondendo aos efeitos avassaladores do vírus que ocasionou a pandemia de pneumónica, uma verdadeira prova de resistência à máquina do Estado, à sociedade e ao indivíduo. Pretende-se nesta comunicação fazer uma aproximação ao surto de gripe pneumónica na região de Coimbra e perceber de que forma este devastador episódio foi percecionado tanto pelas autoridades políticas e sanitárias locais como pela sociedade civil. Esta, também instigada pelo Estado, teve um papel substancial no auxílio prestado às vítimas, pelo que se intenta avaliar o conjunto de ações desenvolvidas tanto em Coimbra, cidade com um hospital universitário e uma classe médica de excelência, como nos restantes concelhos do distrito, onde as faltas de todo o género agudizaram ainda mais os efeitos deste surto epidémico.

Ana Maria Diamantino Correia é bolseira da FCT, doutoranda em História Contemporânea na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (UC), com a tese intitulada *A epidemia de gripe pneumónica no distrito de Coimbra (1918-1919): impactos, respostas e consequências*, e mestre em História Contemporânea pela UC (2013) com a tese *A Saúde Pública em Coruche: instituições, agentes e doentes (1820-1910)*, publicada em edição homónima em 2015. Desenvolve investigação nas áreas da história da saúde pública e da medicina, epidemiologia e assistência na saúde, que tem publicado em revistas científicas nacionais e estrangeiras. É investigadora colaboradora no Centro de História da Sociedade e da Cultura (CHSC).

**Diogo Ferreira**

Instituto de História Contemporânea – NOVA FCSH

**«A Pandemia Esquecida»: A cidade do Sado durante o tempo negro da gripe pneumónica (1918-1919)**

Diversos autores da historiografia portuguesa qualificaram a investigação da gripe ‘espanhola’ como «Pandemia Esquecida», uma vez que as cicatrizes que provocou abriram uma “cortina de silêncio”<sup>1</sup> na memória coletiva. Este trabalho foca-se nos nefastos efeitos provocados pela doença no concelho de Setúbal, tendo como enquadramento os impactos económicos e sociais provocados pela Grande Guerra. Desta forma será possível compreender como a crise de subsistências e o extraordinário desenvolvimento da indústria de conservas de peixe – principal causa da deterioração das condições higiénico-sanitárias – intensificaram a propagação desta epidemia. Os objetivos traçados centram-se, principalmente, na definição e análise das consequências da epidemia na, então, terceira maior cidade do país, nomeadamente no número de óbitos, na disseminação nas freguesias rurais – contrastando com o meio urbano –, no conjunto de impotentes e paliativas medidas da Câmara Municipal ou na sobrelotação do único hospital, situado na Misericórdia. Estas instituições sofriam com a falta de recursos humanos especializados (4 médicos), com dificuldades financeiras – em face do aumento brutal do custo de vida, particularmente de medicamentos e alimentos básicos – e com a ausência de infraestruturas capazes de responder às necessidades da população. Termina-se com a fundação, em 1919, do orfanato «Sidónio Pais» com 40 órfãos, cujos pais foram vitimados pela gripe, maior símbolo de proteção social do município.

Diogo Ferreira é licenciado em História (2010-2013) e mestre em História Contemporânea (2013-2015) pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) da Universidade Nova de Lisboa (UNL). Orientado cientificamente pela Professora Doutora Maria Fernanda Rollo, publicou em livro a sua dissertação de mestrado, *Setúbal e a Primeira Guerra Mundial (1914-1918)*. Como investigador integrado do Instituto de História Contemporânea e bolseiro da Fundação para Ciência e Tecnologia (SFRH/BD/131519/2017), encontra-se a desenvolver uma tese doutoral intitulada “*Setúbal entre Guerras (1919-1945): Um itinerário de história local*” na mesma instituição de ensino superior. Para além de alguns artigos publicados e participações em diversos eventos científicos, tem 3 livros editados, em coautoria, e integrou a equipa de investigação do projeto “*História dos 250 anos da Imprensa Nacional*”.

<sup>1</sup> SEQUEIRA, Álvaro, “A pneumónica” in *Medicina Interna*, vol. 8, nº 1 – Janeiro-Março, Sociedade Portuguesa de Medicina Interna, Loures, 2001, p. 49.

## **Helena da Silva**

Instituto de História Contemporânea – NOVA FCSH

### ***As estruturas hospitalares face à gripe pneumónica***

O último ano da Primeira Guerra Mundial ficou marcado pela pandemia de gripe pneumónica que afectou civis e militares pelas sucessivas vagas de gripe. Diversas estruturas hospitalares tinham sido criadas em Portugal para receber os militares regressados dos teatros de guerra africano e europeu. Perante a pandemia, o dia-a-dia desses hospitais foi modificado. Rapidamente foram adoptadas medidas de profilaxia, foram adaptadas enfermarias específicas para os engripados, foram mobilizados meios para socorrer a população civil. Nalguns casos, o número de pacientes civis aumentou drasticamente, modificando o funcionamento dessas estruturas. Nesta comunicação pretende-se assim analisar os impactos da gripe pneumónica nos hospitais que deveriam receber maioritariamente militares, como o Hospital Militar de Campolide ou o Hospital Temporário da Cruz Vermelha na Junqueira.

Helena da Silva é historiadora e investigadora FCT no Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa (IHC – NOVA FCSH). Atualmente é responsável pelo projeto de investigação “*Medical and Healthcare services in the First World War: the case of the Portuguese soldiers during and after the Great War (1914-1960)*” financiado pela FCT (IF/00631/2014/CP1221/CT0004). Doutorada em História Contemporânea pela École des Hautes Etudes en Sciences Sociales e pela Universidade do Minho. É autora de diversos trabalhos relacionados com a história da saúde, dos hospitais e da enfermagem.